



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES CÉNICAS

“Vai Teatro”

Maria da Luz Neto Gavanha Lopes

Orientação: Professor Doutor Tiago Porteiro

Mestrado em Teatro

Área de especialização: *Dramaturgia-Encenação*

Trabalho de Projeto

Évora, 2014

Maria da Luz Neto Gavanha Lopes

Curso de Mestrado em Teatro – Ramo Dramaturgia/Encenação

“Vai Teatro”

Orientador: Professor Doutor Tiago Porteiro

Trabalho de Projeto em Dramaturgia- Encenação

Universidade de Évora, 2014

Agradecimentos

A gratidão pelas experiências com que a vida nos brinda nunca se deve apenas a esta ou àquela pessoa que esteve connosco no local certo, à hora certa, ou que nos convidou a abrir a porta na direção de um novo caminho. Há por detrás, e ainda antes, algo latente que de repente acontece e nos desperta, apaixonava, e nos faz querer construir mais o saber.

Quero agradecer em primeiro lugar à companhia Váatão - Teatro de Castelo Branco, a quem devo a descoberta, a (a)ventura do teatro, com e por amor. Pelo apoio logístico e técnico na construção e apresentação do espetáculo, *O Pranto de Maria Parda*.

À minha família: Fernando, na qualidade de esposo e colega de artes, por todo o apoio e colaboração na realização do trabalho de composição musical, sonoplastia, filmagem, edição e montagem de vídeo e ainda pelo trabalho de ator. Ao João e Filipe pelas muitas noites de privação da presença da mãe enquanto trabalha no e para o teatro.

Aos colegas da Companhia, Váatão Teatro: Horácio Jorge, pelo contributo na construção do cenário e Gabriel Varela pelo apoio logístico e técnico durante os espetáculos.

À Professora Doutora Christine Zurbach, cujas palavras de incentivo foram determinantes para este desafio.

Ao Professor Doutor Tiago Porteiro pela forma prestável e cordial com que orientou o meu trabalho, pela utilidade das suas recomendações e também pela liberdade de ação que foi decisiva para que este trabalho pudesse ser realizado.

Aos Agrupamentos de Escolas João Roiz e Afonso de Paiva de Castelo Branco, na pessoa dos seus Diretores, pela receptividade, prestabilidade e cooperação em todas as fases do projeto.

Aos professores e alunos envolvidos na construção do espetáculo a partir da produção de textos.

Resumo do Trabalho

Vai, Teatro.... É um Projeto que assenta no conceito de teatro pedagógico, com e para a escola. O teatro enquanto recurso didático, ferramenta de aprendizagem, que “*Vai*” ao encontro de um público-alvo e, em simultâneo, é dirigido a um centro de interesses. O teatro ao serviço da didática na sua dimensão instrumentalista, neste caso como veículo de conteúdos disciplinares e abordagem estética, pelo uso das práticas teatrais e da linguagem cénica.

O Projeto consistiu na construção e apresentação de um espetáculo, em estreita colaboração com dois Agrupamentos de Escolas de Castelo Branco, separadamente, a partir da obra de Gil Vicente “*O Pranto de Maria Parda*” e de textos produzidos por alunos de duas turmas de 9º ano, das respetivas escolas. A conceção do espetáculo foi paralela à sua produção, num processo evolutivo de construção, enquanto método criativo. Em cada escola foi apresentado o espetáculo resultante dessa construção participada.

Abstract

Vai, Teatro.... (Portuguese for *Go, Theatre...*) is a project based on the concept of pedagogical theatre, with and for the school. Theatre as a teaching resource, a learning tool that reaches a target audience and simultaneously driven towards a centre of interests. The theatre in support of didactics in its instrumentalist approach, in this case as a vehicle for subject contents and as an aesthetic approach, by the use of theatrical practices and scenic language.

The Project consisted on the development and performance of a theatre play, in close collaboration with two Groups of Schools from Castelo Branco, independently. The starting point was the work of the Portuguese Gil Vicente “*O Pranto de Maria Parda*” (English for *Maria Parda’s Tears*) and several texts produced by students of two 9th grade classes of the referred schools. The conception and the production of the play were simultaneous, based on an evolving process as a creative method.

The play was performed in each school, as a result of this collaborative approach.

Índice

Introdução	6
CAPÍTULO I - Gil Vicente	9
1-Síntese biográfica	9
1.1-A Obra	9
2- Sobre o <i>Pranto de Maria Parda</i>	11
2.1- Personagens	13
2.2- Pranto - Diálogo - Testamento	13
CAPÍTULO II – Teatro na Escola	14
1- Teatro em meio escolar	14
1.1- Enquadramento curricular	15
2- Projeto “Vai Teatro”	17
2.1- Objetivos	17
3- Entidades de acolhimento / Parcerias	18
3.1- Agrupamento de Escolas João Roiz	18
3.2- Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva	18
4- Metodologia - Ações desenvolvidas	19
4.1- Relato de procedimentos	19
CAPÍTULO III - Dramaturgia / Encenação	24
1- Tratamento do texto - <i>O Pranto de Maria Parda</i>	24
1.1- Características da personagem	24
1.2- Adaptação de texto - <i>O Pranto de Maria Parda</i>	25
1.3-Trabalho de atriz	25
2- Tratamento de texto - alunos	26
3- Guião - Dramaturgia	28
3.1- Roteiro - Escola João Roiz de Castelo Branco	28
4- Encenação	33
4.1- Espaço cénico - cenário	33
5- Recursos	34
5.1- Recursos técnicos	34
5.2- Recursos humanos	35
6- Iluminação	35

7- Sonoplastia	35
8- Figurinos	36
9- Trabalho de ator	38
CAPÍTULO IV - Avaliação.....	39
1- Apresentação de resultados	39
1.1- Inquérito - Alunos	39
1.2- Inquérito - Professores	41
2- Análise de resultados.....	42
CAPÍTULO V - Conclusões	44
Bibliografia	46
Anexos	48
1-Fichas - proposta de trabalho - escolas.....	49
2-Modelo - Inquéritos	51
3- <i>O Pranto de Maria Parda</i> -Texto adaptado	55
4- DVD:	
• 1- Apresentação PowerPoint - aulas;	
• 2- Vídeo - aulas - (compacto)	
• 3- Textos produzidos pelos alunos - E.B.I. João Roiz	
• 4- Textos produzidos pelos alunos - E.B.I. Afonso de Paiva	
• 5- Fotos - processo de trabalho	
• 6- Fotos dos espetáculos	
• 7- Filme do 1º espetáculo – E.B.I. João Roiz	
• 8- Filme do 2º espetáculo – E.B.I. Afonso de Paiva	
• 9- Curriculum vitae	

Introdução

No contexto atual dos Currículos para o Ensino Básico, o teatro e a expressão dramática têm protagonizado um papel relevante enquanto estratégia para a integração e articulação de conteúdos programáticos, nas várias disciplinas, dos diferentes níveis de ensino.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo, a educação artística constitui uma dimensão importante da educação, a que todos os cidadãos devem ter acesso, (...) “As escolas, no desenvolvimento do seu projeto educativo, devem proporcionar aos alunos atividades de enriquecimento do currículo... de natureza eminentemente lúdica e cultural”(...) (Art.º 9º; Decreto-Lei n.º 18/2011:660);

À luz do Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais, em vigor aquando da proposta deste projeto, considera-se que:

(...) “A educação artística é essencial para o crescimento intelectual, social, físico e emocional das crianças e jovens. Sendo a atividade dramática fortemente globalizadora, contemplando as dimensões plásticas, sonora, da palavra e do movimento em ação, torna-se uma área privilegiada na educação artística (...) Proporciona ainda formas e meios expressivos para explorar conteúdos e temas de aprendizagem que podem estar articulados com outras disciplinas do currículo escolar (...) são suscetíveis de gerar a reflexão sobre valores e atitudes...fornecem processos catalisadores que podem motivar os alunos para o prosseguimento de investigação e aprendizagens na sala de aula e fora dela (...)” (Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica (2001:177).

Em convergência com o exposto e perante as constantes exigências que são atualmente solicitadas à Escola, tendentes para projetos inovadores, enriquecedores no processo ensino-aprendizagem, procurei ir ao encontro do programa do 3º Ciclo do Ensino Básico, para o 9º Ano, propondo a criação e apresentação de um espetáculo, em estreita colaboração com alguns estabelecimentos de ensino, proporcionando deste modo uma abordagem prática de integração de conteúdos, na área disciplinar de Português, pela abordagem à obra de Gil Vicente, *O Pranto de Maria Parda*. Este projeto proporcionou simultaneamente uma abordagem transversal aos conteúdos da disciplina de História, pela abordagem à época e contexto social do autor e da obra.

Após análise do programa curricular de Língua Portuguesa, em convergência com a Unidade Texto Dramático, cujo autor em estudo é Gil Vicente, foi produzido e apresentado um espetáculo, em regime de itinerância, nas sedes de dois Agrupamentos de Escolas da

cidade de Castelo Branco, nomeadamente, Agrupamento de Escolas João Roíz e Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva. Os destinatários foram todas as turmas do 9º ano e respetivos professores da disciplina de Português, sendo que, em cada escola, foi convidada uma turma para colaborar na criação da dramaturgia do espetáculo.

Este desafio, precedido da apresentação do texto da obra *O Pranto de Maria Parda*, consistiu na criação e redação de textos individuais por parte dos alunos a partir da seguinte proposta: “Com base naquilo que ouviste em torno desta obra, imagina que és Gil Vicente na atualidade. Sobre que ou quem escreverias? Que *Maria Parda* seria possível reinventar hoje? Cria o teu próprio pranto em torno de uma situação, personagem real ou fictícia, através de um texto (narrativo, descritivo ou poético). Mãos à obra! Tu és capaz!”

Procurando envolver os alunos no processo de construção da dramaturgia do espetáculo, através da produção de textos resultantes de reflexões individuais, a propósito de possíveis formas de “pranto” na atual sociedade, com a realização deste projeto pretendeu-se também proporcionar a exploração do potencial criativo dos alunos num exercício de análise e escrita criativa; uma oportunidade de partilharem o seu pensamento crítico numa visão da sociedade atual.

Pela sua vertente prática, este projeto procurou proporcionar a operacionalização e o enquadramento das expressões artísticas na escola, promovendo um espaço de encontro com novos interlocutores, alunos e professores, dentro e fora do espaço da sala de aula.

A escolha do título do Projeto, “*Vai Teatro*”, assentou no conceito de teatro pedagógico, enquanto instrumento didático, que pode configurar uma aprendizagem, que “*Vai*” ao encontro de um público-alvo definido e a um centro de interesses. O teatro ao serviço da didática como portador de conteúdos disciplinares; pela abordagem estética, através do uso das práticas teatrais e linguagem cénica, privilegiando em simultâneo, uma linha de teatro de proximidade, com carácter mais intimista, apostando-se em simultâneo na captação e formação de novos públicos.

O projeto, da minha inteira responsabilidade no que concerne às vertentes de dramaturgia, encenação e interpretação, contou com o apoio logístico e técnico do Váatão - Teatro de Castelo Branco, Associação Cultural, com estatuto de Entidade de Utilidade Pública, onde desenvolvo a minha atividade teatral há catorze anos.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro partes distintas. A primeira parte sobre o autor, Gil Vicente, e a obra que integra o projeto, *O Pranto de Maria Parda*; na segunda parte, uma visão sobre o teatro e o meio escolar, na qual irei aludir a aspetos específicos e relevantes como a didática e o enquadramento curricular; na terceira parte

proponho-me apresentar o teor do projeto, referindo os seus objetivos e entidades parceiras que acolheram a sua implementação, desenvolvimento, concretização e metodologia/ações desenvolvidas. Ainda nesta parte irei expor os aspetos relativos à forma de construção do espetáculo, dramaturgia, encenação e trabalho de ator. Na quarta e última parte, apresentarei dados relativos à avaliação do trabalho.

1- Síntese biográfica

Gil Vicente, poeta e dramaturgo português, terá nascido em Guimarães por volta de 1465 e falecido provavelmente em 1536. São muitas as dúvidas ainda por esclarecer a respeito da vida de Gil Vicente, comumente conhecido como o pai do teatro português. Ignora-se ao certo a terra da sua naturalidade, data de nascimento e de óbito.

“A biografia de grande poeta dramático português levanta árduos problemas. O Nobiliário de D. António de Lima Pereira, que parece o mais seguro, dá-nos Gil Vicente como nascido em Guimarães (...) O nascimento deverá ter ocorrido por volta de 1465 (...) Sabe-se que, segundo Luís Vicente, filho do poeta o último auto vicentino foi composto em 1536. É provável que o poeta tenha morrido nesse mesmo ano (...) um documento de 16 de Abril de 1540 mostra que o autor dos autos já não existia.” (Dicionário de Literatura, Coelho, 1984: 1164)

1.1- A Obra

Entre 1502 e 1536 desenvolveu a notável atividade teatral tendo escrito mais de quatro dezenas de peças em português e castelhano. De acordo com o referido pela investigadora Maria Leonor Carvalhão Buescu, no texto introdutório da edição a seu cargo, *Compilaçam de Todas as Obras de Gil Vicente*, que reproduz a primeira edição da obra Vicentina, a vida literária do autor inscreve-se neste período.

(...) “Entre as datas limites de 1502 (*Auto da Visitação*) e 1536 (*Floresta dos Enganos*), respetivamente a sua primeira e última peças”(…). “Este período corresponde a um percurso de “aceleração e, contraditoriamente de convergência ou simultaneidade de tempos sociológicos” (...)” Entre essas duas datas, o princípio e a aproximação dos meados do século, muitas coisas se passaram e a sociedade portuguesa, como os modos de ser e de pensar,” (...) (1983: 11).

Vulgarmente conhecido como o pai do teatro português, o dramaturgo marca o início do teatro literário sendo considerado o primeiro autor a utilizar o género dramático.

“ A originalidade de Gil Vicente resulta, justamente, da sábia harmonização entre a plasticidade que soube captar no tímidos assomos dramáticos que preenchiam o quotidiano cortesão e popular, e a literariedade com que soube revestir os modelos formais dominantes no espaço peninsular.” (...)” cabe,

com total mérito, a Gil Vicente que partindo do escasso, difuso e apenas esboçado, tudo soube conjugar mercê de uma especial técnica dramática.” (Barata,1991: 80).

“ Quando Gil Vicente funda verdadeiramente o teatro literário português, além dos tentames dramáticos que lhe oferece a literatura espanhola, não tem atrás de si, no seu país, senão representações religiosas de grande singeleza e dum carácter litúrgico profundamente vincado, a par de abundante reportório cómico, sem dúvida alguma de feição improvisada e não literária.” (Coelho, 1984:1165)

Na sua obra Gil Vicente dedica-se à crítica social, criando uma galeria de tipos que permitem retratar a sociedade portuguesa do seu tempo, ilustrando os seus vícios e os seus dramas. Na maior parte das vezes esses tipos assumem carácter simbólico, não sendo identificados por nomes mas pela atividade que exercem ou por qualquer outro aspeto social que os distingue, o parvo, o sapateiro, o frade, a alcoviteira são alguns dos exemplos que encontramos nas suas obras.

“Os figurantes do guinhol vicentino representam as principais profissões, os principais cargos, as categorias da época: nele comparecem irmanados, num inteiro alheamento de espaço e tempo, papas, santos e cardeais, arcebispos, bispos”(…) “judeus e avarentos, ourives e lavradeiras; sapateiros e alfaiates” (...) “mulheres de mau porte, alcaiotas e parteiras” (...) “um catálogo de ofícios ou profissões, verdadeira e formigante humanidade a agir e a conflitar-se perante outras tantas figuras alegorizadas, o Tempo, a Igreja, a Morte, a Fé”(…) “Todo o Mundo e Ninguém” (Moura,1983:28)

Utilizando o teatro como fonte de moralidade e crítica social, Gil Vicente retratou nas suas obras a degradação dos costumes e dos valores da época. A vaidade, a infidelidade, a usura, a imoralidade da igreja entre outros temas de cariz social, político e religioso constituíram um terreno fértil para, através de contornos caricaturais de situações e personagens, denunciar e revelar as imperfeições do seu tempo, veiculando pelo cómico e pela sátira a sua postura crítica da sociedade.

“ O seu vigor satírico é invulgar e poderiam multiplicar-se os exemplos citados. Gil Vicente toca ao vivo os problemas da sociedade portuguesa dos seus dias, e, através da sátira tenta desmistificar alguns dos aspetos mais gritantes.” (Coelho,1984:995)

“A obra vicentina não é só uma esplêndida realização literária; palpita nela de modo espantosamente vivo a sociedade portuguesa do primeiro terço do séc. XVI, com as suas classes, os seus vícios, os seus impulsos intelectuais e religiosos” (ibidem, 1984:1167)

“Interessa, sim, estudar esta criação admirável que é o conjunto da obra vicentina, onde acabamos por encontrar os sinais completos de uma mentalidade, de uma inteligência e de uma sensibilidade: sentido de observação, liberdade de espírito e de crítica, amor à justiça e à verdade” (...) “ Ao longo daquelas dezenas de peças conhecemos uma galeria de personagens, mentalidades, psicologias e

condutas que cobrem a sociedade portuguesa de então, dos fidalgos ao povo, dos artífices ao clero, dos camponeses aos mareantes, dos soldados aos juristas. Todos esses grupos vivem, debatem-se, confrontam-se, amparados numa perspetiva cristã. (Cruz, 2001:35)

“Poder-se-á ver nessas múltiplas atitudes o dedo acusador do poeta que, transfigurado nas máscaras que elege, se pronunciava contra os males do tempo” (...) “encontramo-nos perante uma atitude crítica que, fundamentalmente, privilegia os «vícios», denuncia os «desvios», perante uma norma que sustenta a ordem que a todos rege.” (Barata, 1991: 83)

Como um verdadeiro universo, enredado de temas, questões, ritmos, objetivos e personagens a obra de Gil Vicente poderá ser considerada intemporal. Ela retrata uma época específica que apresentou determinadas características e condicionalismos, mas toda a crítica vicentina está de certo modo perfeitamente atualizada e adaptada aos nossos tempos. Sem grande esforço conseguimos estabelecer paralelismos entre os defeitos que deformaram esse passado e os que encontramos na sociedade atual, igualmente merecedores da nossa atenção. A ambição, a corrupção, a tirania, hipocrisia, a mentira, o cinismo, a desonestidade, o materialismo são também hoje parte do suporte da nossa sociedade tão vazia de valores e moralmente decadente.

2- Sobre o *Pranto de Maria Parda*

Nos estudos críticos que tive oportunidade de consultar acerca deste texto, destacam-se duas análises distintas quanto às possíveis intenções desta obra. Na visão apresentada por Maria José Palla, no texto publicado na *Rev. da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 19, *o Pranto de Maria Parda* representa a personificação da quaresma. A autora refere ainda que, “*O Pranto de Maria Parda* corresponde a um tempo importante do calendário litúrgico em que a protagonista é uma figura da Quaresma” (2007:153).

Já na interpretação apresentada por Margarida Vieira Mendes (1988) esta obra vicentina retrata, através da personagem, a sátira a um conjunto de constrangimentos sociais que caracterizaram a época, a seca, a escassez, o desgoverno, o gasto excessivo com vícios, ou mesmo o pecado.

“Neste contexto, e como viu Luciana Stegagno Picchio, Maria Parda pode bem ser uma representante deste povo esfomeado desde finais de 1521, que se queixa da falta e da carestia” (...) “Em começos de 1522 morria-se de fome nas ruas da capital, tal como Maria Parda vai morrer de sede,

(Mendes, 1988: p.5) (...) “Esta será uma hipótese de sentido para a obra vicentina: a sátira à carestia, a queixa pela fome, o apelo à caridade.” (ibidem: 6)

É sobre esta visão da obra, apresentada por Vieira Mendes, que irei a apresentar de seguida algumas considerações e cuja conceção esteve na base da dramaturgia e encenação do espetáculo. Entendi assim que, segundo a sua visão, teria eu uma maior amplitude de possibilidades, no que concerne, por um lado, a uma consolidação da minha interpretação pessoal da obra em apreço e, por outro lado, que permitiria um ponto de partida mais abrangente para aquilo que seria a minha proposta de trabalho a desenvolver com os alunos.

Na *Copilaçam*

De acordo com o referido por Mendes na obra anteriormente citada,

“Figurando no *Quinto Livro* e último da *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1562) que inclui, segundo informa o próprio compilador (decerto Luís Vicente), *as trovas, e cousas meúdas, O Pranto de Maria Parda* encontra-se ao lado de textos mais curtos e de espécie aparentemente diferente da dos autos. Estes haviam sido distribuídos pelos quatro primeiros *Livros* e, em quase todos, as notas em epígrafe, ao apresentarem o texto, assinalavam também a sua representação, com o local, a data e a ocasião. A maioria de tais rubricas relaciona as ações teatrais com festas e efemérides ligadas à vida da família real e do paço.(ibidem:3) (...) “A rubrica do *Pranto*, que serve de título na *Copilaçam*, escreve assim:

*De Gil Vicente em nome de Maria parda fazendo pranto porque viu as
ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro e
ela não podia viver sem ele 259c (ibidem:4)*

Segundo a autora, apesar de, nas publicações, não se acharem marcas respeitantes à data e estatuto da obra, podemos encontra-la no seio do próprio texto e no conhecimento das circunstâncias que envolveram a sua produção. “Assim, vem a obra datada no corpo do próprio texto que menciona o ano de 1522:

*na triste era de vinte
e dous desd’o nascimento 261 a” (ibidem:5)*

2.1- Personagens

Vê-se personificada, na figura literária de Maria Parda, uma criatura parda; marginal, errante, amante do vinho e deambulando com desespero na solidão, mas simultaneamente uma observadora com olhar crítico sobre a sociedade.

Maria Parda queixa-se pela privação de vinho nas tabernas de Lisboa, lembrando os tempos em que ele era farto e acessível. Depois, decide pedir o vinho fiado a alguns taberneiros que não lho servem. Por fim, decide morrer e, expondo um longo testamento, revela a sua obsessão pelo vinho.

2.2- Pranto-Diálogo -Testamento

Do ponto de vista da composição de texto, embora vulgarmente conhecido como monólogo, *O Pranto de Maria Parda*, é uma obra compósita. Como expõe Mendes, ela integra três gêneros ou tipos enunciativos imediatamente reconhecíveis: o pranto, nomeado na rubrica, o diálogo com provérbios e o testamento, também nomeado em rubrica interlinear. São catorze estrofes de pranto: uma delas inseridas no meio do diálogo, doze de diálogo, de pergunta (pedido) / resposta, e quinze estrofes de testamento, este, tal como o pranto, na voz exclusiva de Maria Parda. Dois monólogos ligados por um diálogo.

1- Teatro em meio escolar

“A árvore não deve esconder a floresta: as artes - e o teatro em particular-mesmo quando são encorajadas ou reconhecidas, têm um estatuto inferior ao das matérias académicas. Os sistemas educativos têm tendência para colocar uma certa resistência às atividades artísticas: a razão e a lógica prevalecem sobre a sensibilidade e a criatividade. É negligenciar a capacidade crítica e o trabalho conceptual da arte. Por outro lado a razão não significa tédio e a lógica não é sinónimo de aborrecimento” (Deldime, 2007:80).

A Escola em Portugal tem vivido à mercê daquilo que os vários governos têm entendido como inovação, em matéria de educação. Aquilo a que assistimos com alguma frequência é que, em meu entender, quanto mais elevado é o nível de ensino, mais os alunos e professores se sentem enclausurados pelos conteúdos das disciplinas e se minorizam as áreas expressivas e criativas. Exemplo disso, a ainda recente reestruturação do Ministério da Educação do Currículo do Ensino Básico, que veio retirar carga horária às disciplinas da área das expressões e ampliar a das disciplinas de carácter científico.

Ilustrativo da clausura a que fiz alusão anteriormente, é o episódio que recorro no momento em que, durante a atividade de apresentação do projeto com uma das turmas de 9º ano, na Escola E.B.I. Afonso de Paiva, a professora titular da turma me pressionou (sem ser, julgo, sua intenção), relativamente ao tempo de que dispunha para a mesma. Como argumento, sussurrado ao ouvido, apontou insistentemente a necessidade imperiosa de eu ter que ser breve, pois tinha ela ainda que dar cumprimento ao programa de Língua Portuguesa. Referiu também a proximidade da data do exame final da mesma. A minha simples mas motivadora apresentação ocupou apenas trinta, dos preciosos minutos daquela empenhada e preocupada docente, mas, naquele dia, o teatro esteve presente na escola, apesar das clausuras e constrangimentos, e voltou dias depois para brindar aqueles e muitos outros alunos, com um espetáculo que teve a colaboração de alguns deles: *O Pranto de Maria Parda*.

Ora, parece-me que, educação e cultura não se devem atropelar ou opor, serem olhadas de forma estanque, mas sim entrecruzarem-se e alimentarem-se uma à outra, numa perspetiva de esbater a diferenciação de cada uma delas. Com a metodologia por mim delineada no projeto que desenvolvi junto de duas escolas da cidade de Castelo Branco, penso ter contribuído para essa causa.

“O confronto dos jovens com diferentes criações artísticas profissionais, a sua iniciação ao papel de espetador, a formação teatral dos professores, o encorajamento das práticas de expressão dramática, a passagem pela cena, reclamam uma energia contínua, a da educação.” (ibidem, 2007:80).

Ao partilhar a experiência teatral implícita no meu projeto com as escolas e os alunos das turmas nele envolvidas, dei corpo à ideia que defendo, de que, partir à descoberta do espetáculo pode significar um conjunto de experiências inesquecíveis: a descodificação dos signos, o enfoque sobre o papel da luz ou da música, os sons, a ação, a palavra dita, as emoções. O jogo das personagens configura o poder de análise de questionamento, de aprender a ver, a refletir. Com o *Vai Teatro*, o teatro foi de facto. Foi e ficou, pois ainda hoje me questionam: para quando a possibilidade de regressar àquelas escolas e levar comigo o teatro?

Se neste ponto procuro abordar o teatro em meio escolar, não posso, enquanto docente, deixar de aflorar a vertente didática que o mesmo encerra. Partindo do princípio que na escola não se aprende apenas através da experiência, mas também pelo recurso à didática (técnicas de organização das aprendizagens), considero que alguns aspetos inerentes ao projeto que desenvolvi sustentam esta ideia. Em concreto, cada uma das sessões prévias que tive oportunidade de realizar com os alunos, conteve em si mesma uma componente didático-pedagógica que se materializou na forma como procurei organizar, tanto a apresentação no seu todo, como, o desafio final que lancei aos alunos: através da recolha de ideias que promovi, apelo à reflexão, à sua criatividade, ao sentido crítico e capacidade de escrita. O dia do espetáculo, em cada uma das escolas, constituiu também um momento de aprendizagem e partilha de conhecimento, e, assim sendo, uma forte ferramenta didática ao dispor (naquele dia) dos alunos.

1.1- Enquadramento curricular

Tendo como certo que uma prática didático-pedagógica pelo teatro, independentemente do seu carácter e/ou duração, deverá, desejavelmente, ser contextualizada nos programas e currículos escolares, passarei a enunciar alguns aspetos que considero sustentarem o que acabo de referir, relativamente à forma e conteúdo do projeto por mim desenvolvido.

Importa pois clarificar que, desde logo, procurei encontrar alguma legitimação da ideia de projeto, junto do programa de Língua Portuguesa para o 9º ano, em vigor. De acordo com o Programa do 9º ano constante no sítio da DGDIC – Direção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular (<http://www.dgidc.min-edu.pt/>) e da análise efetuada, constatei que:

- Na organização programática e caracterização do Programa de Língua Portuguesa, faz-se referência à importância das práticas sociais da linguagem – em situações didáticas que possam contribuir para a formação do indivíduo;
- Alguns dos descritores e metas nele constantes, assim como parte dos conteúdos programáticos, estavam em consonância com o que pretendia com alguns dos objetivos deste projeto;
- Poderiam estabelecer-se algumas pontes, tendo em conta os seguintes objetivos contemplados no currículo nacional do ensino básico:

- Explorar um determinado tema/situação/problema com significado para o aluno;
- Participar em realizações artísticas que propiciem o desenvolvimento de atividades individuais e em grupo;
- Assistir a diferentes espetáculos / exposições / instalações e outros eventos artísticos;
- Assistir a espetáculos de naturezas e orientações estéticas diversificadas;
- Contactar com diferentes culturas artísticas de diferentes povos e em diferentes épocas, ampliando as referências culturais e estéticas e contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência multicultural;
- Criar parcerias com instituições sociais, culturais e de recreio, estabelecendo, assim, laços importantes para a dinamização cultural da escola;
- Exploração de diferentes formas e técnicas de criação e de processos comunicacionais;

Com a implementação do mesmo e com recurso às didáticas e metodologias nele constantes, considero então que foram estabelecidos alguns pontos de convergência entre o

currículo e o programa do 9º ano do ensino básico, reforçando a ideia de que este projeto está devidamente enquadrado em contexto escolar.

2- Projeto “Vai Teatro”

2.1- Objetivos

Foram definidos os seguintes objetivos para o este projeto:

- ✓ Proporcionar uma abordagem pelo teatro, dos conteúdos programáticos de 9º ano, transversais às disciplinas de Português, História e Formação Cívica;
- ✓ Fornecer instrumentos de leitura, de reflexão e discussão sobre a Língua, a sociedade, e os valores na época quinhentista;
- ✓ Proporcionar uma experiência VIVA do texto dramático junto de alunos e professores;
- ✓ Concorrer para o incremento de uma experiência significativa;
- ✓ Possibilitar formas de leitura e visões diversificadas dos conteúdos estudados;
- ✓ Articular, de forma lúdico/pedagógica, o binómio instrução/formação;
- ✓ Captar e contribuir para a formação de novos públicos;
- ✓ Sensibilizar para o teatro, enquanto meio de comunicação e de expressão de ideias e sentimentos;
- ✓ Contribuir para o desenvolvimento da educação artística e da educação para a cidadania;
- ✓ Avaliar o impacto do projeto junto do público-alvo e de outros elementos da comunidade educativa.

3- Entidades de Acolhimento / Parcerias

3.1- Agrupamento de Escolas João Roiz

Sito na Avenida Cidade de Zhuhai, 6000-077 em Castelo Branco, representada pelo seu Diretor, Dr. Carlos Barata de Almeida.

Neste Agrupamento, o trabalho foi desenvolvido com a colaboração dos alunos da turma do 9ºC, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, tendo como professor titular o Professor Luís Cerejo.

No espetáculo apresentado no auditório desta escola, estiveram presentes todas as turmas de 9ºano, outros professores daquele Agrupamento e ainda alunos e professores do Instituto de Enseñanza Secundaria de Extremadura (Montijo, *Badajoz*), por via de um intercâmbio entre as duas escolas.

3.2- Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva

Sito na R. Dr. Francisco José Palmeiro 6000-230 em Castelo Branco, representada pelo seu Diretor, Dr. Joaquim Abrantes.

Neste Agrupamento, o trabalho foi desenvolvido com a turma dos alunos do 9º1, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, tendo como docente titular, a Professora Lurdes Batista.

No espetáculo apresentado no auditório desta escola, estiveram presentes todas as turmas de 9ºano e respetivos professores da disciplina de Português, duas turmas de 8º ano e outros professores daquele Agrupamento.

O acolhimento das instituições com as quais se estabeleceram parcerias foi extremamente gratificante e positivo, pela forma como desde a primeira hora abraçaram a ideia que lhes foi proposta.

Apesar de alguns constrangimentos de calendário e dificuldades na articulação de disponibilidades de horário com os docentes diretamente envolvidos, sempre se encontraram as melhores soluções para as ultrapassar e colmatar.

O envolvimento das escolas, através das suas direções, tanto na divulgação e gestão intermédia de alguns aspetos logísticos, saldou-se positivamente.

A dedicação dos alunos, assim como a forma como participaram em todas as fases do projeto, foi para mim uma motivação acrescida.

4- Metodologia - Ações Desenvolvidas

4.1- Relato de Procedimentos

Relato síntese dos procedimentos decorrentes do processo evolutivo de trabalho implementado nos dois Agrupamentos de Escolas, respetivamente, Agrupamento de Escolas João Roiz e Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva, ambos de Castelo Branco.

Em cada um dos Agrupamentos a estratégia delineada foi repetida, num processo evolutivo de estruturação, enquanto método criativo na construção do espetáculo.

Em cada escola foi apresentado o espetáculo resultante desse processo.

- ✓ Contactei as direções das escolas propondo uma reunião com os coordenadores do departamento de línguas, com o propósito de solicitar o envolvimento dos alunos dos 9^{os} anos, na abordagem à obra, no âmbito da disciplina de português.
- ✓ Reuni com alguns professores dos departamentos de línguas das respetivas escolas, propondo e solicitando a colaboração dos colegas da disciplina de Português para obter:
 - A colaboração direta de uma turma com a qual, eu própria, pudesse dinamizar a apresentação e análise do texto do Pranto, com a finalidade de angariar contributos para a construção da dramaturgia;
 - A apresentação do texto nas restantes turmas, pelos respetivos professores, como forma de preparação-motivação dos alunos, para o espetáculo;
 - A calendarização da atividade, em articulação com as Semanas dos Departamentos de Línguas, garantindo a presença de todas as turmas de 9^o ano;

- ✓ Enviei para os coordenadores de departamento, cópias do texto da obra, em suporte digital, para ser apresentado a todas as turmas pelos respetivos professores.

- ✓ Planifiquei a dinâmica de apresentação e análise do texto, a realizar com as turmas escolhidas para o efeito, adotando a seguinte estratégia:
 - Distribuição, antecipada, do texto do *Pranto*, em suporte de papel a todos os alunos, para leitura individual. O texto foi propositadamente retirado da Coleção de Clássicos Sá da Costa, *Gil Vicente Obras Completas*, com prefácio e notas do professor Marques Braga, volume VI, cujas notas de rodapé com carácter explicativo de palavras e interpretação de versos foram um auxílio para a compreensão do texto.

 - Produção de uma apresentação em PowerPoint, com elementos de análise do texto e sugestões de reflexão sobre a obra; (anexo: DVD - apresentação PowerPoint)

 - Criação de uma ficha de proposta de trabalho para distribuir aos alunos, com o objetivo de criação e redação de textos (anexo 1)

- ✓ Contactei com os professores titulares da turma “cooperante” para a calendarização da atividade.

- ✓ Dinamizei a atividade de apresentação e análise do texto, com a turma do 9º C da Escola João Roíz, a 15 de março, numa sessão/aula de 90 minutos, com a presença do coordenador de departamento de línguas e a participação de todos os alunos da turma, seguindo a estratégia definida:
 - Apresentação e justificação/objetivo da minha presença;
 - Leitura coletiva do texto;
 - Apresentação do PowerPoint (elementos de análise do texto e sugestões de reflexão); (DVD - anexo 1)
 - Discussão/ troca de ideias sobre a obra e o autor;
 - Convite à colaboração na conceção do espetáculo, com a criação de textos individuais;

- Distribuição de fichas/ proposta de trabalho¹;
 - Registo das aulas em suporte vídeo. (DVD - anexo 2)
 - Recolhi os textos dos alunos e procedi à leitura, apreciação e seleção das ideias neles contidas; (DVD - anexos 3 e 4)
- ✓ Efetivei o processo criativo de abordagem aos textos:
- Criação de personagens que protagonizassem as diferentes ideias/ mensagens;
 - Acomodação das ideias dos textos a “discursos”, para as respetivas personagens;
 - Trabalho de construção das personagens “tipo”, de contornos e características peculiares, ilustrativas do próprio discurso;
- ✓ Refleti sobre as opções cénicas e optei por registar, em vídeo, os desempenhos das personagens criadas;
- ✓ Filmei a performance de todas as personagens, em cenas separadas, utilizando e mantendo sempre como pano de fundo / espaço de ação, o cenário concebido para o espetáculo (cenário da personagem Maria Parda, Arco Manuelino);
- ✓ Operacionalizei a montagem do filme de forma a integrar, na apresentação do espetáculo, duas vertentes: o *cenário virtual* sobre o *cenário real*, projetando o filme, perfeitamente enquadrado nos limites/contornos do cenário real, através de sobreposição da imagem, criando um efeito de fusão;
- ✓ Procedi à edição e montagem dos vídeos, tendo em conta a sequência pretendida para os mesmos, incorporando-lhes áudio, numa perspetiva de complementar a imagem, produzindo uma atmosfera, ambiente, que reforçasse a situação dramática.
- ✓ Para o efeito procedi a uma seleção musical da época (Renascimento), mas também outra, mais contemporânea;

¹ “Com base naquilo que ouviste em torno desta obra de Gil Vicente, imagina que és “Gil Vicente” na atualidade. Sobre o que ou quem escreverias? Que “Maria Parda” seria possível reinventar hoje?”

Lança-te um desafio: cria o teu próprio “Pranto”, em torno de uma situação, personagem real ou fictícia, através de um texto (narrativo, descritivo ou poético). *Mãos à obra! Tu és capaz!*...”

- ✓ Procurei junto da escola garantir as condições de espaço e tempo para montagem prévia do espetáculo;
- ✓ Solicitei o registo integral do espetáculo, em suporte vídeo, tendo em vista a sua partilha e apreciação do trabalho desenvolvido;
- ✓ Apresentei o espetáculo no dia 18 de Abril, no auditório da Escola João Roíz de Castelo Branco; (DVD – anexo 7)
- ✓ Apliquei um inquérito junto dos alunos e professores, envolvidos, de forma a proceder a uma avaliação da atividade, de acordo com os seguintes parâmetros: (anexo 2)
 - Valorização do Projeto “Vai teatro” na Escola E.B.I. João Roiz;
 - Pertinência da oportunidade de articulação curricular com o programa de Português;
 - Aferição dos contributos dos alunos na consecução do trabalho de dramaturgia;
 - Apreciação do espetáculo;
- ✓ Repeti todas as dinâmicas, referidas entre os pontos 6 e 16, com a turma do 9º- 1, da Escola Afonso de Paiva de Castelo Branco;
- ✓ A aula de apresentação e análise do texto realizou-se no dia 18 de maio, com a presença da professora e de todos os alunos da turma, seguindo as estratégias definidas anteriormente;
- ✓ Recolhi os textos dos alunos e procedi à leitura, apreciação e seleção das ideias neles contidas;
- ✓ Efetivei o processo criativo de abordagem aos textos:
 - Criação de novas personagens, diferentes das já criadas no processo anterior, que protagonizassem novas ideias / mensagens e “prantos”;
 - Trabalho de construção das personagens “tipo”, de contornos e características peculiares, ilustrativas de algumas ideias implícitas nos novos textos;

- ✓ Filmagem do *acting* de duas novas personagens, utilizando o mesmo espaço cénico, referido anteriormente;
- ✓ Edição, montagem e colagem dos dois novos *Planos*, no filme anteriormente produzido e já apresentado na Escola João Roíz, numa perspetiva de trabalho em progresso;
- ✓ Procurei, também nesta escola, garantir as condições de espaço e tempo para montagem prévia do espetáculo;
- ✓ Solicitei o registo integral do espetáculo, em suporte vídeo, tendo em vista a sua partilha e posterior apreciação do trabalho desenvolvido;
- ✓ Apresentei o segundo e “novo” espetáculo, no dia 24 de maio, no auditório do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva. Nesta exibição esteve presente o meu professor orientador, Professor Doutor Tiago Porteiro; (DVD - anexo 8)
- ✓ Apliquei novamente um inquérito junto dos alunos e professores envolvidos, de forma a proceder a uma avaliação da atividade, de acordo com parâmetros referidos anteriormente;

1- Tratamento do texto - *O Pranto de Maria Parda*

Não é certamente tarefa fácil, quando nos propomos selecionar e definir os materiais textuais e cênicos, apontando para uma interpretação específica, de modo a orientar o espetáculo num determinado sentido, e, simultaneamente, destacar os significados complexos num texto de Gil Vicente.

O trabalho de dramaturgia implica sempre um grande desafio sobre as opções estéticas e ideológicas, de abordagem ao texto. Enfim, como concretizar a passagem do texto verbal, enquanto documento escrito, em componente oralizada, fazendo parte da encenação.

Algumas perguntas foram necessariamente colocadas: que tempo? Que espaço? Que tipo de personagem? Como interpretar a mensagem? Qual o vínculo da obra com a época da sua criação, a época que ela representa e a nossa atualidade? Como interferem estas historicidades?

Analisando o texto *O Pranto de Maria Parda* deparamo-nos com uma teatralidade intrínseca no próprio texto, que nos convida e nos impele a uma necessidade clara de reproduzir aquela personagem de forma quase real.

1.1- Características da personagem

Uma criatura parda; simultaneamente marginal, perdida e deambulando com desespero na solidão, procurando uma voz que não responde: - "Não sei que faça..." Um retrato chocante da realidade da época mas que facilmente se deixa transportar para a sociedade atual, enquanto metáfora da debilidade, da ausência e do vazio. Facilmente poderíamos encontrar esta *Maria Parda*, ao virar da esquina, numa das ruas das nossas cidades.

Para o público-alvo, na faixa etária dos catorze anos, que tão espontaneamente se deixa arrebatado pelas curiosidades da história, esta abordagem pretendeu não só proporcionar uma viagem no tempo, como, ainda, por via da intensidade emocional que a esta personagem se exigiu, uma experiência marcante enquanto processo de significação histórica e de encontro com a fragilidade humana.

1.2- Adaptação de texto - *O Pranto de Maria Parda*

Extensão: Sendo o texto uma vasta composição de 369 versos de redondilha maior, distribuídos por 41 estâncias de 9 versos, foi necessário reduzir a sua extensão, por forma a não tornar a representação muito longa, uma vez que a apresentação do espetáculo esteve condicionada à ocupação de um tempo letivo (45 minutos).

Forma: A seleção de texto procurou respeitar todas as mensagens implícitas na obra, e, tratando-se de uma obra compósita, integrar os três gêneros ou tipos enunciativos: o pranto, em que *Maria Parda* se lamenta pela falta de vinho nas tabernas de Lisboa, evocando os tempos em que ele era abundante e barato; o diálogo com provérbios, resolvendo pedir o vinho fiado a alguns taberneiros que lho negam, e o testamento, em que por fim anuncia a sua morte.

No processo de escolha, feita com critério e fundamentada pelos motivos atrás referidos, foram respeitadas as catorze estrofes de pranto. Das doze estrofes de diálogo, foram inicialmente selecionadas oito mas posteriormente reduzidas para cinco, uma vez que as vozes das personagens interlocutoras de *Maria Parda* foram gravadas para o primeiro espetáculo, mas, por sugestão do professor orientador, foram eliminadas. Deste modo optei por ilustrá-las pela voz da própria *Maria Parda* que reproduz algumas frases das estrofes. Finalmente, das quinze estrofes de testamento, foram selecionadas oito, tendo em linha de conta a importância de salvaguardar as regras e fórmulas do género notarial, que Gil Vicente imprimiu no texto. Em concreto, mantive a datação, a encomenda da alma, a nomeação dos testamenteiros e as disposições para o funeral.

1.3- O trabalho de atriz - a personagem

Maria Parda, mulher em desespero, que se ri e chora de si mesma, ridiculamente dramática, perspicaz e mordaz, intensamente emotiva, mentalmente perturbada, implica uma dramaturgia corporal, quase orgânica, muito exigente no desempenho.

Personagem feminina num estado elementar de necessidade, numa atitude pulsional pela privação do vício - o vinho. Alcoólatra inveterada, evidencia um estado entre a embriaguez, a ressaca e a clarividência, capaz de se mover entre a delicadeza e a indecência, de forma quase subtil.

O corpo gasto e doente, coberto com os trajes velhos, o rosto desfigurado pelo sofrimento, acompanham e matizam as palavras. Os gestos, as atitudes, as poses, as exclamações, os pedidos e as promessas, pretendem ser reveladoras e explícitas, num jogo cénico e performativo que ajudasse o espectador a ultrapassar a dificuldade em perceber, em todo o seu pormenor, o texto antigo, cheio de formas arcaicas.

A fala vem acompanhada de ações predominantemente verbais mas que denunciam e esboçam ações físicas: as queixas; a decisão de pedir fiado; o ato de pedir; a recusa dos taberneiros; a decisão de morrer e a ordenação do testamento.

Neste jogo cénico, de ações intencionais, reforça-se a corporalidade e a expressividade.

Sobressai a exibição sobre a narração; o movimento do corpo e do rosto, a expressão facial, num jogo para-verbal que reflete e sublinha o discurso.

Ressalta ainda o próprio corpo de *Maria Parda*, cujas partes ela mesma chama repetitivamente a atenção, apresentando-se a si própria, traçando a sua grotesca, triste e desesperada figura: a falta de dentes, os braços, os beiços, as orelhas. O corpo de *Maria Parda* mostra-se envelhecido, oco e seco, identificando-o simbolicamente com a própria terra que se encontra velha, doente, seca e parda. *Maria Parda* estimula esse corpo a exprimir-se.

Apesar da densidade da figura da personagem, o que se pretende fazer sentir também em cena é, o vazio e a sede, seja no seu corpo ressequido, seja no tempo e no espaço: as pipas vazias e o momento de necessidade.

A invocação às ruas dos bairros orientais de Lisboa, S. Gião, Travessa de Mata-Porcos, Rua da Ferraria, Biscainha, não requer nenhum tipo de digressão, antes sugere-se que sejam as vielas a surgir diante dos seus olhos e não esta a atravessá-las. Move-se, no entanto, na sequência da decisão “*quero m’ir às taverneiras*”: *Pede fiado à biscainha; A João Cavaleiro, Vai-se a Branca leda, Vai-se a João do Lumiar, indo pera casa de Martim Alho*, num percurso desenhado entre a esquerda baixa/direita alta/direita baixa e direita baixa/esquerda alta/ esquerda baixa, do espaço cénico, atravessando sempre a passagem do arco que compõe o cenário.

2- Tratamento Texto - Alunos

A partir da troca de ideias, sobre *O Pranto de Maria Parda*, das mensagens implícitas no texto e do simbolismo desta personagem, sugeri aos alunos que estabelecessem um

paralelismo com a atualidade: que *Maria Parda* poderíamos encontrar na sociedade atual, no nosso bairro, na nossa rua? Do que se queixaria? Sobre o quê ou quem seria o seu pranto?

A primeira turma a corresponder ao desafio, o 9º C da Escola João Roiz de Castelo Branco, produziu quinze textos.

Após uma leitura apurada dos textos produzidos, verifiquei pouca diversidade de ideias no teor dos mesmos, sendo que, na maior parte dos casos, apresentavam pontos de vista associados à dependência de álcool e drogas. Houve no entanto alguns trabalhos que marcaram pela diferença, contendo abordagens associadas à pobreza por falta de recursos financeiros, revolta e contestação política, apelo ao divino, resignação e morte.

Procurei de seguida identificar, de forma isolada, aquelas que poderiam, na minha ótica, ser as principais ideias motivadoras dos alunos aquando do seu exercício de reflexão e escrita, tendo procurado identificar e filtrar conceitos como a pobreza, o vício, a contestação, a religiosidade e a fé.

Na perspetiva do trabalho evolutivo de construção que implementei na vertente prática do meu projeto, segui uma metodologia semelhante na segunda escola, com vista à criação de outras personagens. Desta feita, a turma do 9º - 1, do Agrupamento Afonso de Paiva, em Castelo Branco, produziu dezoito textos. Não estranhei que, novamente, se tivesse verificado alguma repetição nas ideias expostas, a que não é alheio o facto de, temas como o álcool e a droga, serem uma preocupação constante nas abordagens levadas a efeito em áreas curriculares como as Ciências da Natureza, Formação Cívica, ao longo de todo o ensino básico.

Como ideias chave, selecionei duas, que se revelaram inspiradoras na criação de outras tantas personagens: *Maria Parda* “sem rosto” (presente em cada um de nós na atualidade) e o apego desmesurado a questões de ordem material aliado às consequências que daí podem advir.

Definidas as ideias resultantes da análise dos contributos escritos por parte dos alunos, parti de seguida para uma nova etapa: o processo criativo, que culminaria com a definição das personagens, bem como das suas falas. Deste modo, valendo-me da minha condição (obrigatória) de encenadora, dramaturga e atriz, promovi momentos de diálogo em conjunto com o ator da companhia que colaborou no projeto. Do diálogo, surgiram conceções mais claras daquilo que eu pretendia, partindo-se de seguida para o jogo dramático em torno das mesmas. Nesta fase, a improvisação e o registo em vídeo, revelaram-se estratégias eficazes no processo criativo. Após a fase de experimentação, discussão, autocrítica, observação e análise, definiu-se a versão final do texto e do desempenho de ator.

Por detrás das minhas opções ao nível da dramaturgia e encenação, que justificaram o processo ora descrito, esteve presente a intenção (que espero conseguida) de manter uma coerência estética na tipificação das personagens criadas que se enquadrasse previamente na sequência do espetáculo. Através delas, procurei também fazer alusão à intemporalidade da obra de Gil Vicente, estabelecendo pontes entre aquilo que são alguns dos aspetos peculiares da sociedade atual e da sua época.

Do trabalho desenvolvido até aqui, resultaram seis personagens distintas, que deram corpo às ideias predefinidas:

- “Maria Augusta” – mulher do povo, de meio rural, pobre, humilde e resignada com a sua sorte, em desespero com a notícia da morte do seu marido;
- “Maria” – mulher da noite, boémia, refugiada no vício do álcool, acomodada à sua condição;
- “Operário” – homem rude, de extrato social baixo, revoltado e contestatário da ordem política que o governa;
- “Velha” – crente e devota, reza por ela e por todos aqueles que perderam a fé;
- “Mimo” – sujeito sem rosto, pode ser qualquer um de nós. Ingénuo, lutador, persistente, procura não desistir e “corre sempre para a frente”;
- “Mafalda” – mulher anónima, classe média alta, apegada ao sucesso profissional e aos bens materiais. Procura a redenção ao dar o seu testemunho anónimo;

3- Guião - Dramaturgia

3.1- Roteiro - Escola João Roíz de Castelo Branco

O espetáculo começa com a projeção do filme produzido, com a montagem de vídeos que contêm o desempenho teatral das várias personagens. O filme termina com um plano da figura de *Maria Parda*, que surge de trás do arco, caminhando deambulante, e entra no póstico, atravessando a cortina branca que tapa a passagem.

Estas personagens, sugeridas e criadas a partir dos conteúdos dos textos escritos pelos alunos, procuram exprimir o seu “pranto”.

O cenário utilizado nas filmagens é o mesmo cenário, da representação teatral de *Maria Parda*, isto é, a frente do Arco Manuelino, que permanece o tempo todo em palco, inicialmente servindo de área de projeção e de seguida de espaço cénico da personagem *Maria Parda*.

O filme é projetado no Arco, com efeito de sobreposição, enquadrado em todas as formas e limites, de modo a que suscite no público a ilusão da presença real das personagens em cena.

Personagens que compõem o filme integral:

- Mimo

O mimo representa uma personagem sem identidade, sem rosto, sem sexo, sem idade. Pode ser qualquer um de nós, que, embora confrontado com a exploração, a precaridade, a falta de reconhecimento pelo trabalho ou pelo esforço, não se entrega ao desalento ou ao inconformismo. Procura, numa atitude proactiva, reagir com otimismo, não desistindo de “correr” em busca de “soluções” ou de uma nova oportunidade. Não consegue evitar no entanto algum desânimo por ver que por vezes as “metas” são difíceis de alcançar. Esta personagem procura aludir aos sonhos, aos desejos, às necessidades e à forma como nos propomos ou não satisfazê-los.

Ações:

Toca uma campainha situada na parte interior do arco do cenário – aguarda uns segundos – toca novamente - fala pelo interfone – aguarda – abre uma porta que se destranca à sua frente – é interpelada por alguém que lhe entrega um papel, que pode ser a sua candidatura a um posto de trabalho - preenche e devolve – aguarda caminhando para a esquerda e para a direita em curtos passos – é interpelada novamente e mostra-se agradada com a notícia que recebe, foi seleccionada para o trabalho – ergue os dois punhos,

discretamente, em sinal de vitória e cumprimenta o interlocutor – questiona sobre a tarefa que tem que desempenhar e localiza, de imediato, um tapete, elétrico, de transporte de materiais, que se movimenta a grande velocidade, à sua frente – fica estonteada quando procura acompanhar a velocidade dos materiais que passam à sua frente, com movimentos da cabeça – pára e confirma com o seu interlocutor que aquele é o serviço que a espera – afirma a sua capacidade física elevando os ante- braços fazendo alusão aos músculos – inicia o seu trabalho: colocar caixas, pesadas, que se encontram ao nível do chão, em cima do tapete – realiza a tarefa com algum esforço – e interpelada para acelerar o ritmo de trabalho – aumenta a rapidez de trabalho até ficar cansada, quase exausta – descansa – é interpelada novamente – vai receber o pagamento pelos seus serviços – entusiasmada, estende a mão para receber o dinheiro mas logo se desvanece o seu sorriso – segura no dinheiro e conta apenas duas notas – guarda o dinheiro com ar desgostoso e insatisfeito – mantem a “máscara” de tristeza -pausa – num gesto repentino passa a mão pela frente do rosto e muda a “mascara” para um sorriso de esperança – arregaça as mangas e começa a marchar – acelera a marcha e corre – corre cada vez mais depressa – tropeça e cai – apesar do cansaço, levanta-se, sacode a poeira das calças e começa a correr novamente – corre, corre cada vez mais rapidamente até à exaustão, mas mantendo-se de pé – pára finalmente, com ar amargurado e estende a mão como que suplicando uma outra oportunidade.

- Mafalda

Advogada anónima, sentada frente ao cenário usando uma máscara branca ao jeito dos testemunhos televisivos, que se querem anónimos e sem rosto.

Texto da personagem:

“ Olá eu sou a Mafalda, estou aqui para dar o meu testemunho.

Eu sou uma advogada de sucesso mas tenho sofrido muito na vida. Neste momento encontro-me sozinha, não tenho coragem para dar a cara, mas quero partilhar com todos vós o que me está a acontecer. Neste momento os meus filhos estão com o meu marido. Eu estou sem o meu apartamento e eles estão a viver com o pai, perdi-os completamente. A minha vida é dedicada cem por cento ao trabalho. Continua a ser assim a minha vida, o trabalho acima de tudo e por isso fiquei sozinha na vida e perdi tudo o que mais amava, os meus filhos e a vida que eu

tinha antes, junto deles. Eu continuo a ter um cargo de sucesso na minha firma, continuo a ser a advogada que sempre fui mas falta-me o mais importante; a minha estabilidade, os meus filhos. A minha carreira contínua de vento-em-popa mas a minha vida continua a afundar, a afundar. Tive que pedir ajuda, estou neste momento a fazer consultas de psiquiatria, o que tem resultado muito bem mas eu não consigo ser aquilo que era nem nunca irei conseguir. Quero apelar a todas as mulheres que como eu poem a carreira à frente dos seus interesses e dos próprios filhos, que não o façam por favor porque mais tarde ou mais cedo a vida vai-vos correr mal e vai-vos atraiçoar ...desculpem mas eu não consigo continuar.... desculpem...”

- Maria Augusta

Mulher do campo: (mostrando aflição e chorando, abre a cortina de pano e sai pela porta do arco, usa um linguajar característico e marcadamente popular e simples)

Texto da personagem:

“ Ai senhores ai senhores...a minha vida! O que é que vossemecê quer, o quê? Não senhor não pode ser agora. Acabo de receber a notícia que o meu homem morreu - chora - ele era tão bom homem... era tão bom homem - chora - É verdade. Eu sou a Maria Augusta...eu nem tenho coragem para falar...eu sou a Maria Augusta e até ontem era casada com o meu Zé Jaquim-chora- eu nem posso falar...ai tão bom que ele era, tão bom que ele era, o meu homem.... Atirou-se pa um poço...- chora - ai jasusa... eu nem quero acreditar! Isto tem sido uma vida muito difícil, muito difícil. A gente tem os filhos para criar e agente não tem nada para lhes dar de comer, senão umas batatitas da horta e pouco mai..tem sido um pranto que só eu e deus é que sabe o pranto que nossa vida tem sido... é verdade...ainda nem pus luto ainda estou aqui nestas figuras tristes. Atão agora veio ali a ti Maria, a ti Maria, do fundo da rua, a dezer... parece que o meu home se atirou pa dentro de um poço...mas eu não sei se é verdade ou não... isto tem sido uma mágoa...um lamento... a nossa vida tem sido uma desgraça...a gente não tem água pa dar ao gado, a gente não tem comida pa dar aos filhos... eu não sei o que faça...”

- Maria

Mulher da noite, sentada frente ao cenário, fumando e bebendo.

Texto da personagem:

“ Maria é meu nome, já nasci com o destino traçado! Levar uma vida infeliz, sem ter objetivo marcado. Nunca tive uma vida digna de mulher. Para abafar a secura e a mágoa servia-me uma pinga qualquer. Á espera de um novo dia, mais um copo, bota abaixo! Esqueço hoje as amarguras... este é bom! É do Cartaxo! Que desgraçada que eu sou, sempre de copo na mão. A vida não se endireita... Matem-me, se não tenho razão!”

- Operário

Frente ao cenário, segurando uma máquina rebarbadora.

Texto da personagem:

“ Vocês chamaram me aqui para saber qual é o meu pranto? Querem saber qual é o meu pranto não é? Eu digo vos qual é o meu pranto: é que farto-me de trabalhar, trabalhar e não vejo nada! É sempre o mesmo ordenado ao fim do mês. O Mesmo não! Agora até já baixou! Isto... a culpa é do governo, a culpa é do governo. Éh pá, se não fosse cá por coisas (roda e afina o disco da rebarbadora, em jeito de ameaça velada) ...é assim: eu farto-me de trabalhar dia a dia, de sol a sol. Lá na indústria, a gente passa vida com estas coisas na mão...e eu pergunto-me porquê? Para quê? Isto... a culpa é do governo, é do governo. O problema é que eu voto, voto, voto, voto, voto. Já votei nos governos anteriores também ...e agora se não fosse cá por coisas pá... (gesto ameaçador com a rebarbadora seguido de verificação do estado do disco). Mudava agora o disco a isto. Mas eu não consigo mudar o disco a isto...a culpa é do governo, a culpa é do governo...por muito que eu pense noutra coisa a culpa é do governo. E qual é que é o meu pranto? Este é que é o meu pranto. É o ordenado cada vez mais baixo, cada vez pago mais impostos e ...e....Isto... a culpa é do governo... isto... se não fosse cá por coisas (olha novamente para a rebarbadora com ar ameaçador)

- Velha

No escuro, frente ao cenário. A única luz é a chama de uma vela que segura na mão ao nível do queixo. Canta e depois ora.

Cântico ²:

“Gloria in excelsis que tão linda luz
Morreu o Senhor, cruxificado na cruz”

Texto da personagem: Oração

“ Possamos fazer uma prece por aqueles que já não o fazem mais, porque perderam a fé num novo recomeçar, pois esqueceram que a vida é um eterno ressurgir. Não nos deixais esquecer que mesmo nos momentos mais difíceis do nosso caminho a esperança está nos nossos corações. Padeceste o martírio do sofrimento em nome da humanidade. Esquecem-se de ti e do teu sacrificio Quando agriem o seu semelhante, Quando ignoram aqueles que passam fome, Quando ignoram os que sofrem a dor da perda e da separação. Quando usam a força do poder para dominar e maltratar o próximo Quando não se lembram que uma palavra de carinho, um sorriso, um afago, um gesto podem fazer o mundo melhor. Concedei-me a graça de ser menos egoísta e mais solidária para com aqueles que precisam. Que jamais me esqueça de vós e que sempre estareis comigo, quão difícil seja meu caminhar ”

- *O Pranto de Maria Parda* – Texto (anexo 3)

4- Encenação

4.1- Espaço Cénico - Cenário

O cenário, enquanto sistema semiótico, determina o espaço e o tempo da ação teatral. Neste sentido, optei por uma simbologia simples, de fácil leitura e que reportasse, numa primeira análise, e de forma inequívoca, à época vicentina. Foi projetado e por mim construído um arco / pórtico, ao estilo manuelino, que atravessou toda a apresentação, onde se destacou essencialmente nas seguintes vertentes: ícone representativo de uma época e ponto de passagem entre duas dimensões temporais na qual se baseou grande parte da dramaturgia.

² Letra adaptada para uma melodia popular da Beira Baixa.

O ar ruinoso de uma das suas laterais, pretende acompanhar a ideia do declínio de *Maria Parda* ao longo da peça, assim como das personagens que a antecedem.

O facto de o espetáculo ter sido concebido para ser apresentado em duas escolas, desde logo condicionou as escolhas e tomadas de decisão em matéria de cenografia. Acontece que os auditórios de ambas as escolas, apesar de terem boas condições, apresentavam dimensões díspares. Importou assim garantir que todos os elementos cenográficos se adequassem aos acessos e espaços disponíveis.

Uma cortina branca, que cobre a entrada do arco durante toda a apresentação, assume uma função de clara demarcação das dimensões temporais propostas e atrás referidas. Por outro lado, reforça a possibilidade do jogo de movimentação cénica, com entradas e saídas da personagem *Maria Parda*, quando recorre aos taberneiros.

Duas barricadas vazias, e uma cabaça, são desde o início apresentadas como parte integrante do cenário e, mais tarde, revelam-se igualmente importantes enquanto adereços com os quais a personagem *Maria Parda* interage.

5- Recursos

O recurso à imagem foi utilizado como catalisador de uma pretensa e conseguida expansão do espaço e do tempo, permitindo também uma diferente abordagem e forma de interação com as personagens, fossem elas as “virtuais” ou a real. A gravação prévia de cada uma das personagens criadas a partir dos textos dos alunos foi o pretexto e também parte do rastilho inicial para a implementação desta ideia. Também a limitação do número de atores e pessoal técnico que tive ao meu dispor, conduziu a esta opção estética e cénica.

5.1- Recursos técnicos

- Sistema de som;
- Câmara de vídeo;
- Computador portátil;
- Projetor de vídeo;
- Microfone omnidirecional;
- Mesas de som e de luz;

- Teia de iluminação e projetores de cena;

5.2- Recursos humanos

- Dois atores;
- Dois técnicos (luz e som);
- Um músico (composição de um tema original, seleção, gravação e edição áudio);

6- Iluminação

A iluminação utilizada no espetáculo foi delineada no sentido de ajudar a delimitar o espaço cénico – desenho de luz. Deste modo, para que esta surtisse o efeito desejado, começámos por anular com panos e telas negras, todos os possíveis e eventuais pontos de entrada de luz natural nas salas respetivas. Definido e previamente reconhecido o espaço destinado à representação, fez-se o levantamento do material necessário e adequado a cada uma das salas.

Recorreu-se assim à montagem de um dispositivo que se revelou eficaz: uma teia de luz sustentada por duas torres laterais elevatórias e ajustáveis em largura e altura.

Nela foram montados quatro projetores: dois de luz geral, um de recorte e um pontual.

7- Sonoplastia

O trabalho de sonoplastia acrescentou e complementou o espetáculo no seu todo e enfatizou momentos chave da representação, enquanto signo, ligado, desde logo, a cada uma das personagens. A música, incorporada nos vídeos editados ou fora deles, marcou as entradas e saídas de cada personagem e concorreu para uma ampliação de outros sistemas sógnicos: cenário e iluminação.

A escolha e seleção musicais assentaram no pressuposto de que seria importante que esta fosse representativa da época quinhentista, por um lado, mas, também tivesse em conta outras opções não forçosamente enquadradas na época referida. Deste modo, também a música apontou para a intemporalidade assumida na dramaturgia:

Mimo:

- Scott Joplin - *Weeping Willow*
- Josquin Desprez (1450-1521) – *Mille Regretz*
- Mozart (1756-1791) – *Requiem*

Mafalda:

- J. S. Bach (1685-1750) – Brandenburg Concerto n.º1 em FáM – BMV 1046 – II Adágio

Maria Augusta:

- Tomas Tallis (1505-1585) – *If ye love me*

Operário:

- Clément Janequin (1485-1558) – *le chant des oiseaux*

Maria:

- Guillaume Dufay (1397-1474) – *Ave regina* (instrumental)

Velha:

- Tomás Luis de Victoria (1548-1611) – *Officium defunctorium – VII Agnus Dei*

Maria Parda:

- Fernando Paussão (1963-) – *Lamento*

8- Figurinos

Na lógica de complementaridade do espetáculo, no que concerne à semiótica que envolve o mesmo (preocupação havida nas suas várias vertentes), também a escolha dos

figurinos apontou para uma linha de tipificação das personagens sua relação com signos próprios.

Para cada uma, procurou escolher-se um figurino que fosse representativo da sua condição social, sexo, idade, profissão, religião:

Mimo:

- Imagem estereotipada de um mimo - face branca, roupa negra, luvas brancas, calote negra e suspensórios *bordeaux*;

Mafalda:

- Mulher anónima, classe média alta - máscara branca, cabeleira longa, camisa de seda verde, *jeans*;

Maria Augusta:

- Mulher do povo, de meio rural, pobre – Lenço na cabeça, vestido de chita, casaco de malha, meia-calça, peúgas, botim de trabalho, lenço de mão (tecido);

Operário:

- Homem rude, de extrato social baixo – chapéu de trabalho, óculos de proteção, fato-macaco, máquina rebarbadora;

Maria: mulher da noite – boina e echarpe cor-de-rosa, peruca loira e curta, camisola de licra e *leggings* pretas, túnica curta de padrão colorido;

Velha:

- Mulher do povo, crente e devota – lenço negro na cabeça, óculos, roupa e xaile negros;

Maria Parda:

- Personagem quinhentista, alcoólatra, marginal, miserável – toucado negro, camisa e saia comprida de linho, de cor ocre, casaco negro roto e rude, mantilha cinza;

9- Trabalho de ator

- Processo de construção das personagens:

A partir da leitura, análise e discussão das ideias vertidas pelos alunos nos textos que criaram e redigiram, foi conferida liberdade criativa aos atores no sentido de proporem as abordagens que achassem adequadas às mesmas. No seguimento deste processo de trabalho, debateram-se pontos de vista e verbalizaram-se as possibilidades da sua operacionalização.

Já noutra fase, realizaram-se exercícios de improvisação em torno das ideias selecionadas, e partiu-se para o exercício de construção das diferentes personagens, ainda sem texto definido. Neste processo, seguiu-se a realização de alguns Jogos Teatrais, de acordo com o método de trabalho proposto por Viola Spolin.

Após a definição das ideias a trabalhar, realizaram-se várias recolhas do *acting* que se revelaram fundamentais, tanto na conceção dramaturgica do espetáculo, como na desejável avaliação crítica das performances obtidas (reformular, apreciar, comparar, categorizar, sistematizar).

A realização de encontros e ensaios semanais regulares, possibilitou o amadurecimento das metodologias utilizadas e, em simultâneo, permitiu que todo o trabalho que ia sendo realizado evoluísse de uma forma progressiva e consistente.

Em todo este caminho prevaleceu a ideia de que o ator não tem que se limitar a sê-lo somente, mas pode e deve ser também parte integrante no processo criativo do espetáculo.

1- Apresentação de resultados

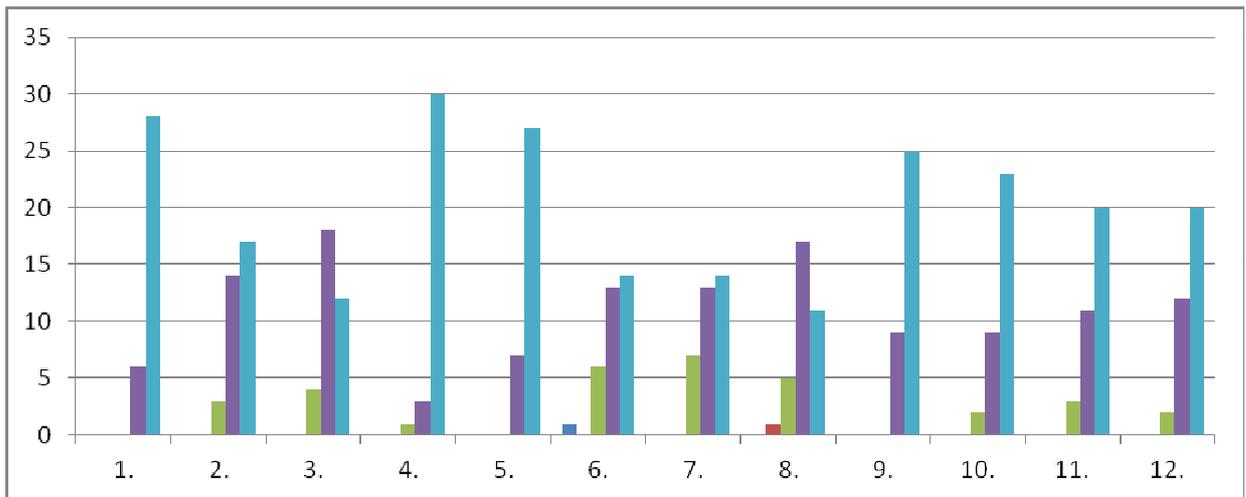
Foram distribuídos inquéritos a alunos e professores das escolas João Roiz e Afonso de Paiva, ambas de Castelo Branco, parceiras neste projeto. A amostra foi constituída pela totalidade dos alunos das turmas de 9º ano com as quais se desenvolveu o trabalho de apresentação e exploração do texto do *Pranto de Maria Parda* e dos professores que conheceram previamente o teor do projeto. Todos os inquiridos assistiram ao espetáculo nas respetivas escolas. Foram inquiridos 41 alunos e 12 professores.

Do total de 53 inquiridos, 46 responderam ao inquérito, representando um total de 86,7%. Na recolha de respostas utilizou-se, para cada questão, uma escala de 1 a 5, em que 1 correspondia a “*discordo plenamente*”, 2 a “*discordo parcialmente*”, 3 a “*não concordo nem discordo*”, 4 a “*concordo parcialmente*” e 5 a “*concordo plenamente*”. (Anexo)

1.1- Inquérito – ALUNOS

- 1- Considero importante o facto de o teatro ter vindo à escola;
- 2- Foi oportuna a abordagem, pelo teatro, de alguns conteúdos de Português;
- 3- Tive a possibilidade de contribuir ativamente para a construção do espetáculo;
- 4- A abordagem a esta obra permitiu-me conhecer melhor a sociedade da época quinhentista;
- 5- O teatro é fundamental enquanto meio de expressão de ideias e sentimentos;
- 6- Reconheci o meu contributo no trabalho apresentado;
- 7- Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da minha educação artística;
- 8- Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da minha educação para a cidadania;
- 9- A minha escola apoiou fortemente esta iniciativa;
- 10- O espetáculo apresentado correspondeu às minhas expectativas;
- 11- A apresentação e análise de texto, na sala de aula, foi clara e motivadora;
- 12- O espetáculo foi apresentado num auditório com boas condições;

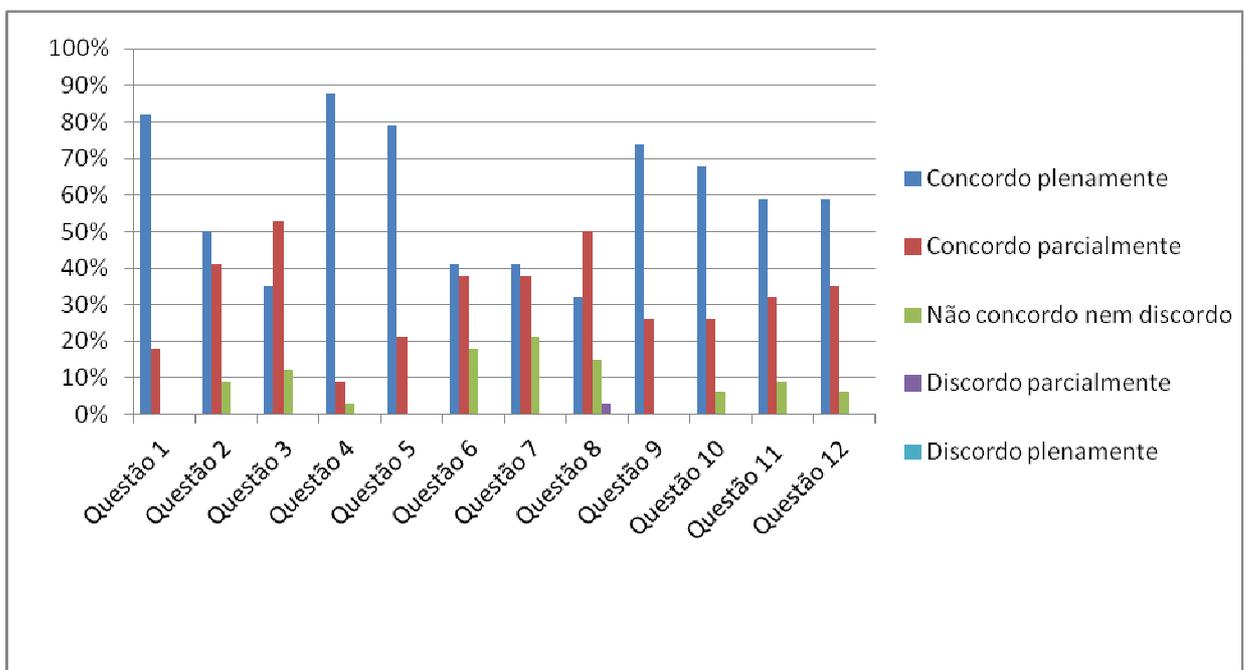
- Quadro 1- Distribuição do número de respostas por questão (alunos)



Legenda:

1	Discordo plenamente	2	Discordo parcialmente	3	Não concordo nem discordo	4	Concordo parcialmente	5	Concordo plenamente
---	---------------------	---	-----------------------	---	---------------------------	---	-----------------------	---	---------------------

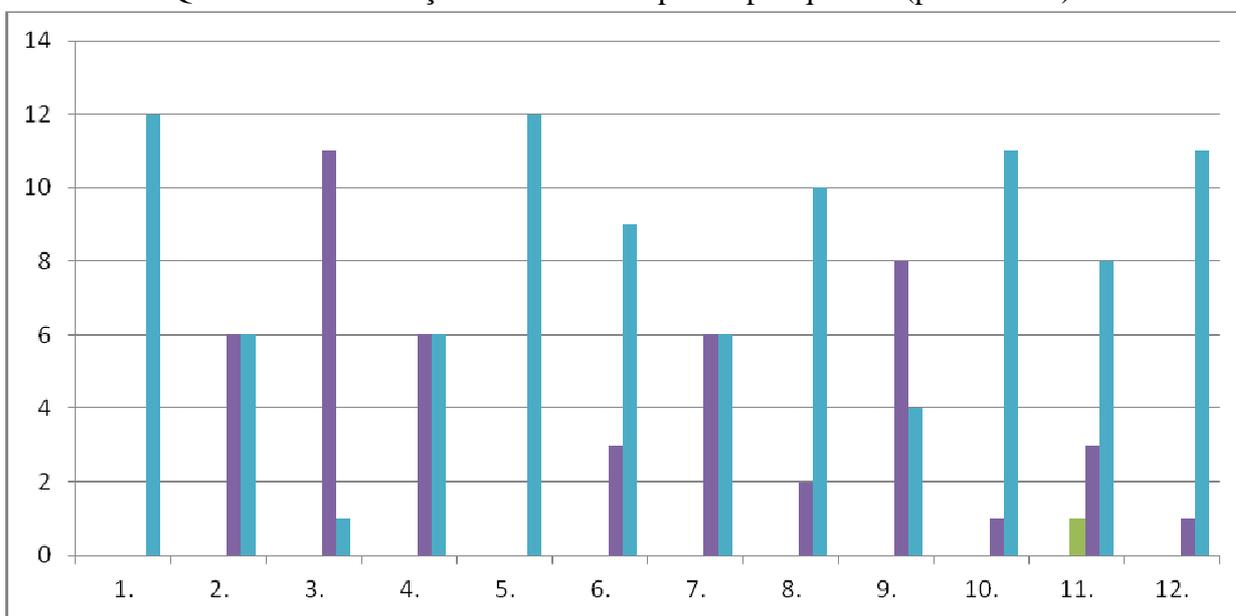
- Quadro 2- Percentagem de respostas por questão (alunos)



1.2- Inquérito - Professores

- 1- Considero importante o facto de o teatro ter vindo à escola;
- 2- Foi oportuna a abordagem, pelo teatro, de alguns conteúdos de Português;
- 3- Os alunos puderam contribuir ativamente para a construção do espetáculo;
- 4- A abordagem a esta obra permitiu conhecer melhor a sociedade da época quinhentista;
- 5- O teatro é fundamental enquanto meio de expressão de ideias e sentimentos;
- 6- Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da educação artística dos alunos;
- 7- Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da educação para a cidadania;
- 8- A escola apoiou incondicionalmente esta iniciativa;
- 9- Foram implementadas formas de leitura e visões diversificadas dos conteúdos estudados;
- 10- Iniciativas como esta podem contribuir para a criação de novos públicos;
- 11- O espetáculo foi apresentado num auditório com boas condições;
- 12- O teatro permite articular de forma lúdico-pedagógica o binómio instrução/formação;

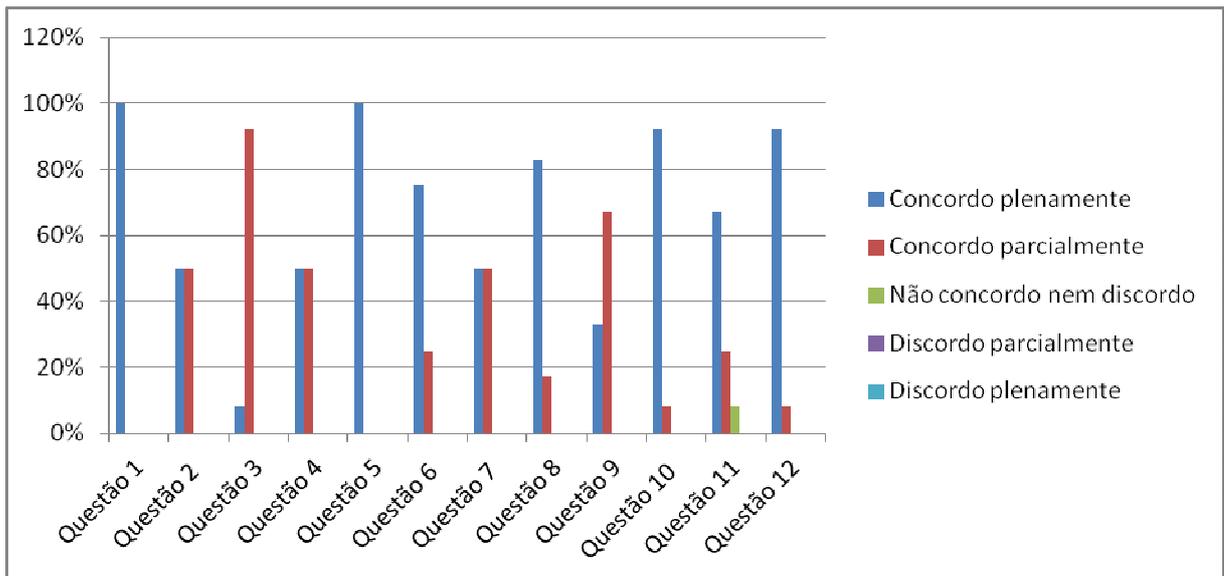
- Quadro 3- Distribuição número de respostas por questão (professores)



Legenda:

1	Discordo plenamente	2	Discordo parcialmente	3	Não concordo nem discordo	4	Concordo parcialmente	5	Concordo plenamente
---	---------------------	---	-----------------------	---	---------------------------	---	-----------------------	---	---------------------

- Quadro 4- Percentagem de respostas por questão (professores)



2- Análise de resultados

Relativamente aos dados recolhidos, podemos verificar que:

- Tanto alunos como professores, concordaram parcial ou plenamente com a esmagadora maioria das questões colocadas;
- Das questões dirigidas a alunos, podem observar-se algumas respostas inconclusivas (*não concordo nem discordo*) o que poderá, quanto a mim, constituir um indicador de eventuais dificuldades na interpretação da questão colocada;
- Das questões dirigidas a professores, pode observar-se uma quase total ausência de respostas inconclusivas (*não concordo nem discordo*);
- Da análise do quadro de percentagem de respostas por questão, tanto para alunos como para professores, verifica-se uma inequívoca predominância de respostas de grau 4 e 5 da escala de resposta utilizada;

Da análise objetiva dos dados recolhidos podemos concluir, em suma, que a atividade realizada nas escolas foi alvo de uma avaliação bastante positiva, face aos itens de avaliação propostos.

Para avaliar o impacto deste projeto de teatro na escola foram estruturadas as questões apresentadas nos pontos 1.1 e 1.2, do Capítulo IV.

A análise dos resultados obtidos feita em função dessas questões permitiu estabelecer algumas das conclusões que a seguir se apresentam.

A esmagadora maioria dos alunos e professores inquiridos reponderam favoravelmente às questões formuladas, utilizando o grau 4 ou 5 da escala aplicada. Deste modo, é pertinente concluir que, da análise objetiva dos dados recolhidos, a atividade realizada nas escolas foi alvo de uma avaliação bastante positiva.

O facto de o teatro ter ido à escola permitiu também a abordagem de alguns conteúdos da disciplina de Português e possibilitou aos alunos um contributo na construção do projeto conceptualizado e o seu reconhecimento aquando da apresentação do *Pranto de Maria Parda*.

A experiência, no seu todo, contribuiu para o desenvolvimento da educação artística e da cidadania dos alunos o que justificou também o forte apoio manifestado pelas escolas no acolhimento deste projeto.

Sendo Gil Vicente um dos autores obrigatórios no programa do 9º ano da disciplina de Português, este trabalho revelou-se um contributo acrescido relativamente ao conhecimento do autor e da sua obra.

Os recursos técnicos e humanos revelaram-se adequados e suficientes na consecução dos objetivos propostos, traduzindo-se essencialmente no apoio incondicional da companhia de teatro que integro.

Com a implementação deste projeto vi reforçada a ideia de que, partir à descoberta do espetáculo pode significar um conjunto de experiências inesquecíveis partilhadas de forma biunívoca. Em simultâneo, constituiu uma séria oportunidade de experimentar novas abordagens didáticas pelo teatro, o que muito me enriqueceu enquanto docente, atriz e encenadora.

Reconheço, enquanto aspetos menos positivos do trabalho realizado, que foram determinantes alguns de ordem pessoal e profissional. O facto de não ter formação académica na área do teatro, terá constituído uma dificuldade acrescida, mas, ao mesmo tempo, um enorme desafio a que eu própria me propus. Também o facto de, enquanto docente, ter estado ausente por largos períodos de tempo da minha área de residência e do seio familiar, contribuiu para que, em alguns momentos cruciais, não tenha tido a oportunidade e

disponibilidade de manter o ritmo de trabalho desejável. Não obstante estas condicionantes, considero ter concretizado com sucesso o projeto de teatro pedagógico que idealizei.

Este poderia ter tido, eventualmente, uma maior abrangência, talvez pudesse ter abarcado um maior número de escolas e pudesse ter havido uma maior e mais prolongada interação com os alunos, mas, na realidade, tal não foi possível. Não o foi, desde logo, em resultado dos apertados calendários e pressão a que a escola de hoje está sujeita, no que respeita ao estrito cumprimento dos programas, planos de atividades extensos e exigentes, entre outros. Tal facto conduziu à necessidade de dimensionar esta minha proposta, relativamente a estas condicionantes e àquelas de ordem pessoal anteriormente mencionadas.

Em suma, pesados todos os aspetos ora expostos, e tendo em conta a análise de todo o processo de trabalho, considero ter sido uma experiência de sucesso que conduziu ao reforço das minhas competências, nomeadamente, em matéria de dramaturgia e encenação.

Bibliografia

- Appia, A. (s.d.). *A Obra de Arte Viva*. (R. Júnior, Trad.) Lisboa: Arcádia.
- Barata, J. O. (1979). *Didáctica do Teatro - Introdução*. Coimbra: Almedina.
- Barata, J. O. (1991). *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Barbosa, P. (2002). *Arte Comunicação e Semiótica*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Barthes, R. (1988). *O Prazer do Texto*. Lisboa: Edições 70. [1973]
- Braga, M. (1968). *Gil Vicente - Obras Completas* (Vol. 6). Lisboa: Sá da Costa. [1944]
- Buescu, M. L. (1983). *Compilação de Todalas Obras de Gil Vicente* (Vol. 1 e 2). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. [1562]
- Chekhov, M. (1996). *Para o Ator*. (Á. Cabral, Trad.) S. Paulo: Martins Fontes. [1953]
- Coelho, J. (1984). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas.
- Cruz, D. I. (2001). *História do Teatro Português*. Lisboa: Verbo.
- Deldime, R. (2007). In: Pacheco, N., Caldas, J., & Terrasêca, M. (2007). *Teatro e Educação - Transgressões Disciplinares*. Porto: Edições Afrontamento.
- Educação, M. (2001). Decreto Lei n.º 18/2001. *Diário da República*, 665.
- Guinsburg, J. (2001). *Da Cena em Cena*. S. Paulo: Perspectiva.
- Macedo, E. (2004). *Prazer de Fazer - O Lúdico-Pedagógico no Teatro com Crianças e Jovens ou um Trabalho de Intervenção?* Porto: Porto Editora.
- Maluf, S., & Aquino, R. (2005). *Reflexões Sobre a Cena*. S. Salvador: EDUFBA.
- Mendes, M. V. (1988). *Vicente - Maria Parda*. Lisboa: Quimera.
- Moura, G. (1983). *Teatro de Gil Vicente*. Lisboa: Ulisseia.
- Palla, M. J. (2007). *Análise de Maria Parda como personificação da Quaresma*. Repositório Universidade Nova. Obtido em 8 de janeiro de 2012, de RUN Universidade Nova: <http://hdl.handle.net/10362/8153>
- Pallottini, R. (2013). *Dramaturgia - A Construção da Personagem*. S. Paulo: Perspectiva.
- Pavis, P. (1999). *Dicionário de Teatro*. (M. L. Pereira, J. Guinsburg, R. Fuser, E. Fraga, & N. Fernandes, Trans.) S. Paulo: Perspectiva. [1996]
- Reis, J. E. (1992). *Panorâmica Vicentina dos Alvares do Quinhentismo - Uma Leitura Metódica do Poeta Dramaturgo*. Coimbra: Minerva.
- Roig, A. (1983). *O Teatro Clássico em Portugal no Séc. XVI*. Lisboa: Biblioteca Breve.
- Ryngaert, J. P. (1992). *Introdução à Análise do Teatro*. (C. Pinto, Trad.) Porto: Edições ASA.
- Saraiva, J. H. (1983). *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Solmer, A. (2003). *Manual de Teatro*. Lisboa: Temas e Debates. [1999]

Spolin, V. (2004). *O Jogo Teatral no Livro do Diretor*. (I. D. Koudela, & E. Amos, Trads.) S. Paulo: Perspectiva. [1985]

Vilaça, M. (1974). *Caminhos do Teatro na Actualidade*. Coimbra: Edição de Autor.

ANEXOS

INQUÉRITO

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO: "PRANTO DE MARIA PARDA"

No âmbito da atividade realizada em parceria com a turma do 9ºC da Escola E.B.I. João Roiz, torna-se indispensável a colaboração dos alunos da turma, no preenchimento do seguinte inquérito, de forma a aferir as suas opiniões acerca do trabalho realizado, que resultou na apresentação do espetáculo "O Pranto de Maria Parda", no passado dia 18 de Abril.

Em relação às afirmações apresentadas, indique-nos o seu grau de concordância assinalando com um "X" a alternativa que melhor corresponde à sua opinião:

1	2	3	4	5
<i>Discordo plenamente</i>	<i>Discordo parcialmente</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo parcialmente</i>	<i>Concordo plenamente</i>

	1	2	3	4	5
1. Considero importante o facto de o Teatro ter vindo à escola					
2. Foi oportuna a abordagem, pelo teatro, de alguns conteúdos de Português					
3. Tive a possibilidade de contribuir ativamente para a construção do espetáculo					
4. A abordagem a esta obra permitiu-me conhecer melhor a sociedade da época quinhentista					
5. O Teatro é fundamental enquanto meio de expressão de ideias e sentimentos					
6. Reconheci o meu contributo no trabalho apresentado					
7. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da minha educação artística					
8. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da minha educação para a cidadania					
9. A minha escola apoiou fortemente esta iniciativa					
10. O espetáculo apresentado correspondeu às minhas expectativas					
11. A apresentação e análise de texto, na sala de aula, foi clara e motivadora					
12. O espetáculo foi apresentado num auditório com boas condições					

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Maria da Luz Lopes - Mestrado em Dramaturgia / Encenação - U.E. Projeto "Vai Teatro"

INQUÉRITO

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO: “PRANTO DE MARIA PARDA”

No âmbito da atividade realizada com as turmas do 9º Ano da Escola E.B.I. João Roiz, torna-se indispensável a colaboração dos docentes envolvidos no projeto, no preenchimento do seguinte inquérito, de forma a aferir as suas opiniões acerca do trabalho realizado, que resultou na apresentação do espetáculo “*O Pranto de Maria Parda*”, no passado dia 18 de abril.

Em relação às afirmações apresentadas, indique-nos o seu grau de concordância assinalando com um “X” a alternativa que melhor corresponde à sua opinião:

1	2	3	4	5
<i>Discordo plenamente</i>	<i>Discordo parcialmente</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo parcialmente</i>	<i>Concordo plenamente</i>

	1	2	3	4	5
1. Considero importante o facto de o Teatro ter vindo à escola					X
2. Foi oportuna a abordagem, pelo teatro, de alguns conteúdos de Português					X
3. Os alunos puderam contribuir ativamente para a construção do espetáculo					X
4. A abordagem a esta obra permitiu conhecer melhor a sociedade da época quinhentista					X
5. O Teatro é fundamental enquanto meio de expressão de ideias e sentimentos					X
6. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da educação artística dos alunos					X
7. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da educação para a cidadania					X
8. A escola apoiou incondicionalmente esta iniciativa					X
9. Foram implementadas formas de leitura e visões diversificadas dos conteúdos estudados					X
10. Iniciativas como esta podem contribuir para a criação de novos públicos					X
11. O espetáculo foi apresentado num auditório com boas condições					X
12. O Teatro permite articular de forma lúdico/pedagógica, o binómio instrução/formação					X

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Maria da Luz Lopes - Mestrado em Dramaturgia / Encenação - U.E. Projeto “Vai Teatro”

INQUÉRITO

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO: "PRANTO DE MARIA PARDA"

No âmbito da atividade realizada em parceria com a turma do 9º -1 da Escola E.B.I. Afonso de Paiva, torna-se indispensável a colaboração dos alunos da turma, no preenchimento do seguinte inquérito, de forma a aferir as suas opiniões acerca do trabalho realizado, que resultou na apresentação do espetáculo "O Pranto de Maria Parda", no passado dia 24 de maio.

Em relação às afirmações apresentadas, indique-nos o seu grau de concordância assinalando com um "X" a alternativa que melhor corresponde à sua opinião:

1	2	3	4	5
<i>Discordo plenamente</i>	<i>Discordo parcialmente</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo parcialmente</i>	<i>Concordo plenamente</i>

	1	2	3	4	5
1. Considero importante o facto de o Teatro ter vindo à escola					
2. Foi oportuna a abordagem, pelo teatro, de alguns conteúdos de Português					
3. Tive a possibilidade de contribuir ativamente para a construção do espetáculo					
4. A abordagem a esta obra permitiu-me conhecer melhor a sociedade da época quinhentista					
5. O Teatro é fundamental enquanto meio de expressão de ideias e sentimentos					
6. Reconheci o meu contributo no trabalho apresentado					
7. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da minha educação artística					
8. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da minha educação para a cidadania					
9. A minha escola apoiou fortemente esta iniciativa					
10. O espetáculo apresentado correspondeu às minhas expectativas					
11. A apresentação e análise de texto, na sala de aula, foi clara e motivadora					
12. O espetáculo foi apresentado num auditório com boas condições					

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Maria da Luz Lopes- Mestrado em Dramaturgia / Encenação - U.E. Projeto "Vai Teatro"

INQUÉRITO

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO: "PRANTO DE MARIA PARDA"

No âmbito da atividade realizada com as turmas do 9º Ano da Escola E.B.I. Afonso de Paiva, torna-se indispensável a colaboração dos docentes envolvidos no projeto, no preenchimento do seguinte inquérito, de forma a aferir as suas opiniões acerca do trabalho realizado, que resultou na apresentação do espetáculo "O Pranto de Maria Parda", no passado dia 24 de maio.

Em relação às afirmações apresentadas, indique-nos o seu grau de concordância assinalando com um "X" a alternativa que melhor corresponde à sua opinião:

1	2	3	4	5
<i>Discordo plenamente</i>	<i>Discordo parcialmente</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo parcialmente</i>	<i>Concordo plenamente</i>

	1	2	3	4	5
1. Considero importante o facto de o Teatro ter vindo à escola					
2. Foi oportuna a abordagem, pelo teatro, de alguns conteúdos de Português					
3. Os alunos puderam contribuir ativamente para a construção do espetáculo					
4. A abordagem a esta obra permitiu conhecer melhor a sociedade da época quinhentista					
5. O Teatro é fundamental enquanto meio de expressão de ideias e sentimentos					
6. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da educação artística dos alunos					
7. Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento da educação para a cidadania					
8. A escola apoiou incondicionalmente esta iniciativa					
9. Foram implementadas formas de leitura e visões diversificadas dos conteúdos estudados					
10. Iniciativas como esta podem contribuir para a criação de novos públicos					
11. O espetáculo foi apresentado num auditório com boas condições					
12. O Teatro permite articular de forma lúdico/pedagógica, o binómio instrução/formação					

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Maria da Luz Lopes - Mestrado em Dramaturgia / Encenação - U.E. Projeto "Vai Teatro"

O Pranto de Maria Parda – Texto adaptado

“Eu só quero prantear
Este mal que a muitos toca;
Que estou já como minhoca
Que puzerão a seccar.
Triste desaventurada
Que tão alta está a canada
Pera mi como as estrelas;
Oh coitadas das guelas!
Oh goelas da coitada!

Triste desdentada escura,
Quem me trouxe a taes mazelas!
Oh gengivas e arnellas,
Deitae babas de seccura;
Carpi-vos, beiços coitados,
Que já lá vão meus toucados,
E a cinta e a fraldilha ;
Hontem bebi a mantilha,
Que me custou dous cruzados.

Oh Rua de San Gião,
Assi ‘stás da sorte mesma
Como altares de quaresma
E as malvas no verão.
Quem levou teus trinta ramos
E o meu mana bebamos,
Isto a cada bocadinho?
Ó vinho mano, meu vinho,
Que ma ora te gastamos.

Oh travessa zanguizarra

De Mata-porcos escura,
Como estás de ma ventura,
Sem ramos de barra a barra.
Porque tens já tantos dias
As tuas pipas vazias,
Os toneis postos em pé?
Ou te tornaste Guiné
Ou o barco das enguias.

Triste quem não cega em ver
Nas carnicerias velhas
Muitas sardinhas nas grelhas ;
Mas o demo já de beber.
E agora que estão erguidas
As coitadas doloridas
Das pipas limpas da borra;
Achegou-lhe a paz com porra
De crescerem as medidas.

O' Rua da Ferraria,
Onde as portas erão mayas,
Como estás cheia de guaias,
Com tanta louça vazia!
Já m'a mim accoteo
Na manhan-que Deos naceo,
A' hora do nacimiento,
Beber alli hum de cento,
Que nunca mais pareceo.

Rua de Cata-que-farás,
Que farei e que farás!
Quando vos vi taes, chorei,
E tornei-me por detrás.
Que foi do vosso bom vinho,
E tanto ramo de pinho,

Laranja, papel e cana,
Onde bebemos Joanna
E eu cento e hum cinquinho.

Oh tavernas da Ribeira,
Não vos verá a vós ninguém
Mosquitos, o verão que vem,
Porque sereis areeira.

Triste que será de mi!
Que ma ora vos eu vi!
Que ma ora me vós Vistes!
Que ma ora me paristes,
Mãe da filha do ruim!

Quem vio nunca toda Alfama
Com quatro ramos cagados,
Os tornos todos quebrados!
O' bicos de minha mama!
Bem alli ó Sancto Esprito
Ia eu sempre dar no fito
N'hum vinho claro rosete.
Oh meu bem doce palhete,
Quem pudera dar hum grito!

Quando eu, rua, per vós vou,
Todos los traques que dou
São suspiros de saudade;
Pera vós ventosidade
Naci toda como estou.

Fui-me ó Poço do chão,
Fui-me á praça dos canos;
Carpi-vos, manas e manos,
Que a dezaseis o dão.

O' velhas amarguradas,
Que antre três sete canadas
Sohiamos de beber,
Agora, tristes, remoer
Sete raivas apertadas.

Ó rua da Mouraria,
Quem vos fez matar a sede
Pela lei de Mafamede
Com a triste d'agua fria?
O' bebedores irmãos,
Que nos presta ser christãos,
Pois nos Deus tirou o vinho?
O' anno triste cainho,
Porque nos fazes pagãos?

Os braços trago cansados
De carpir estas queixadas,
As orelhas engelhadas
De me ouvir tantos brados.
Quero-m'ir ás taverneiras,
Taverneiros, medideiras
Que me dem hua canada,
Sôbre meu rosto fiada,
A pagar lá polas eiras.

(Pede fiado á Biscaïna.)

Oh Senhora , Biscaïna,
Fiae-me canada e meia,
Ou me dae hua candeia,
Que se vai esta alma minha.

Acudi-me dolorida,
Que trago a madre cahida,

E çarra-se-me o gorgomilo:
Emquanto posso engoli-lo,
Soocorei-me minha vida.

(A João Cavalleiro)

Devoto João Cavalleiro,

Que pareceis Isaias,
Dae-me de beber três dias,
E far-vos-hei meu herdeiro.
Não tenho filhas nem filhos,
Senão canadas e quartilhos;
Tenho enxoval de guarda,
Se herdardes Maria Parda,
Sereis fóra d'empecilhos.

(Vai-se a Branca Leda)

Branca mana, que fazedes?
Meu amor, Deos vos ajude ;
Que estou no ataude,
Se me vós não accorredes.

Fiade-me ora tres meias,
Que ando por casas alheias
Com esta sêde tão viva,
Que ja não acho cativa
Gota de sangue nas veias.

*... qu'em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos...

(*Maria Parda reproduzindo a fala de *Branca Leda*)

(Vai-se a João do Lumiar)

Senhor João do Lumiar,
Lume da minha cegueira,
Esta era a verde pereira
Em que vos eu via estar.
Fiae-me hum gentar de vinho,
E pagar-vos-hei em linho,
Que ja minha lan não presta:
Tenho mandada hua besta
Por elle a antre Douro e Minho.

*... Vou-me que sou aviada?!

(* Maria Parda reproduzindo a fala de *João do Lumiar*)

Amara aqui hei d'estalar
Nesta manta emburilhada:
Oh Maria Parda coitada,
Que não tens ja que mijar!
Eu não sei que mal foi este,
Peor sem vezes que a peste,
Que quando era o trão e o tramo,
Andava eu de ramo em ramo
Não quero deste, mas deste.

(Diz a Martim Alho)

Martim Alho, amigo meu,
Martim Alho meu amigo,
Tão secco trago o embigo
Como nariz de Judeu.
De sêde não sei que faça;
Ou fiado ou de graça,
Mano, soccorrede-me ora,
Que trago ja os olhos fóra
Como rala da negaça.

Raivou tanto sideraque
E tanta zarzaganía.
Vou-me a morrer de sequia
Em cima d'hum almadrague.
E ante de meu finamento,
Ordeno meu testamento
Desta maneira seguinte,
Na triste era de vinte
E dous desde o nascimento.

(Testamento)

A minha alma encomendo
A Noé e a outrem não,
E meu corpo enterrarão
Onde estão sempre bebendo.
Leixo por minha herdeira
E também testamenteira,
Lianor Mendes d'Arruda,
Que vendeo como sesuda,
Por beber, at'á peneira.
Item mais mando levar
Por tochas cepas de vinha,
E hua borracha minha
Com que me hajão d'encensar,
Porque teve malvasia.
Encensem-me assi vazia,
Pois também eu assi vou;
E a sêde que me matou,
Venha pola cleresia.

Levar-me-hão em hum andor
De dia, ás horas certas
Que estão as portas abertas
Das tavernas per hu for.

E irei, pois mais não pude,
N'hum quarto por atauda,
Que não tivesse água pé
O sovenite a Noé
Cantem sempre a meude.

Diante irão mui sem pejo
Trinta e seis odres vazios,
Que despejei nestes frios,
Sem nunca matar desejo.
Não digão missas rezadas,
Todas sejam bem cantadas
Em Framengo e Allemão,
Porque estes me levarão
Ás vinhas mais carregadas.

Item dirão per dó meu
Quatro ou cinco ou dez trintauros,
Cantados per taes vigairos,
Que não bebão menos qu'eu.
Sejam destes tres d'Almada,
E cinco daqui da Sé,
Que são filhos de Noé,
A que som encommendada.

Item mais, mais mando dar
A quem se bem embebedar ,
No dia em que eu morrer,
Quanto movel hi houver
E quanta raiz se achar.

Item mais me prometi
Nua á pedra da estrema,
Quando eu tive a postema
No beijo de baixo aqui.

E porque gran gloria senta,
Lancem-me muita agua benta
Nas vinhas de Caparica,
Onde meu desejo fica
E se vai a ferramenta.

(Fim)

Assi que por me salvar
Fiz este meu testamento,
Com mais siso e entendimento
Que nunca me sei estar.
Chorae todos meu perigo,
Não levo o vinho que digo,
Qu'eu chamava das estrellas,
Agora m'irei par'ellas
Com grande sêde comigo.